

UM MUNDO IRREAL

-Onde verdades parecem mentiras, mentiras parecem verdades e a vida é apenas aparência.

O subtítulo acima retrata muito bem o momento sociopolítico atual onde a superficialidade é muito mais importante do que a essencialidade das coisas e dos fatos; e começamos percebendo isso no cenário político interno em ano eleitoral verificando que há uma ferranha luta com unhas e dentes de candidato contra candidato, pois, afinal, o que interessa é o seu voto e nada mais ..., aliás, nada mais mesmo! Passada a euforia da vitória amargaremos preços altos, inflação alta, desemprego alto, miséria em alta e indiferença também em alta. E se alguém tem dúvidas a respeito, aguarde e constate.

O primeiro questionamento que me veem à mente refere-se à sinceridade (ou falta dela) nos discursos atuais, seja da alegada esquerda, seja da arredia direita; alguém acredita que, realmente, os candidatos que ora se apresentam tem um verdadeiro compromisso com o povo? Podem me crucificar como incrédulo, mas afirmo que todos eles mentem apenas e tão somente para angariar votos, pois alguns dias depois de tomar posse no cargo diretivo mais importante do país, ele erguerá uma torre circular e se fechará dentro dela deixando a cargo de seus ministros e assessores a delicada tarefa de conduzir as más notícias.

No mesmo sentido, a questão quanto ao posicionamento ideológico variará de acordo com interesses, negociações e barganhas que estarão longe de nossos olhos, mas muito próximo de nossos bolsos, redundando no que sempre acontece: favorecimento ao mais abastados e esquecimento dos demais, mesmo que esses “demais” sejam contribuintes e cidadãos de primeira classe. Da mesma forma, teremos mais obras vistosas do que eficazes ao fim que se propõe e a privatização deixará nas mãos da iniciativa privada serviços essenciais como saneamento básico, gerenciamento de recursos hídricos e talvez administração da rede hospitalar.

Não duvidem aqueles que acham que os serviços acima citados não podem mais permanecer sob a égide do Estado sob a alegação de que, deste modo, ele poderá preocupar-se ainda mais com aquilo que é de fato essencial para a população, pois sabemos que isso é uma falácia e que o Estado (em quase todos os países), mostra-se continuamente ineficiente, paquidérmico e incapaz de distanciar-se das negociações políticas que acabam por torná-lo refém de si mesmo.

O PRIMEIRO CULPADO É O PRÓPRIO ESTADO.

Ineficiência e ausência de austeridade nos gastos públicos constituem e dicotomia que torna o Estado o primeiro culpado pelas consequências nefastas que afligem enorme parte da população que vê-se emparedada por ações abusivas que redundam em aumento da inflação, esfacelamento dos empregos e aumento exorbitante na carga tributária para sustentar estes gastos públicos desmedidos e desordenados.

Infelizmente, por culpa da demora do governo em reagir à pandemia, o Brasil será um dos últimos do mundo a sair da crise. Países como Alemanha e Inglaterra, que têm tradição bastante ortodoxa em termos fiscais, são os que foram mais longe na definição desse protocolo. Aliás, o Financial Times trouxe uma matéria dizendo que o primeiro-ministro Boris Johnson admitiu que o homem que ele segue hoje é o Franklin Roosevelt. Isso mostra que, acuados diante de uma crise, os políticos acabam sendo menos ideológicos e mais pragmáticos. Tiveram de fazer sua conversão forçada.¹

Inexistem condições de se negar o que a economia assevera demonstrando que o Estado não foi capaz de se reinventar para contornar a crise surgida com a pandemia deixando o cidadão entregue à sua própria sorte. Então, não duvidem de que a culpa é do Estado ..., mas, também não se esqueçam que o Estado somos nós!

..., gastos governamentais também contribuem para a crise. Seja por meio da contratação excessiva de servidores públicos, do aumento de secretarias e ministérios, ou por meio da realização de obras e investimentos públicos, como a preparação para a Copa do Mundo de futebol e para os Jogos Olímpicos, esses gastos estimulam a economia, aumentam a dívida do Estado, contribuem para o aumento da inflação e prejudicam a gestão fiscal do governo.

Assim, a economia acaba ficando excessivamente dependente de investimentos do governo, o que não é bom. O setor privado deve depender pouco da concessão de créditos e estímulos financeiros para que a economia seja sólida e sustentável.

O SEGUNDO CULPADO É O “MERCADO”.

É crucial salientar que a crise que vivemos não é apenas local, mas sim global, oriunda de elevação no preço do petróleo, diminuição do fluxo de importações e exportações, gerando uma vasoconstricção no vai e vem de mercadorias, bens e serviços por todos os países, escancarando a face tendenciosa da chamada globalização fundada apenas no lucro esquecendo-se da importância da interdependência criada por conta desse mesmo fluxo.

Como decorrência da crise econômica global de 2008, vários países têm enfrentado dificuldades para retomar o crescimento. Até mesmo a China, o mais importante parceiro comercial do Brasil, diminuiu seu ritmo de crescimento nos últimos anos. O mesmo ocorreu com os Estados Unidos e a Europa, que têm tido crescimento bastante lento.

Com isso, também diminuíram as importações de produtos brasileiros que esses parceiros econômicos realizavam. Diminuiu-se a exportação de minério de ferro para a China, de automóveis para a Argentina, de carnes para a Europa, entre outras áreas importantes para nosso crescimento econômico.²

Ainda temos a especulação do que eu denomino de capital mercenário selvagem que vem criando bolhas sobre bolhas elevando artificialmente o preço ações, imóveis, bens de consumo e também os salários, ocasionando uma alta expectativa que viu-se bloqueada com o surgimento da pandemia e que afugentou esse mesmo capital para longe de especulações corriqueiras, preferindo esconder-se em meio aos ativos financeiros de maior valor e liquidez.

Mais uma vez temos o cidadão sendo emparedado, pois iludido pelo crescimento baseado no consumo acabou por endividar-se a ponto de tornar-se incapaz de arcar com as próprias dívidas, cabendo aqui uma redundância questionadora: o indivíduo eleito para gerir a nação deixa de lado a realidade posta para fiar-se em um futuro que segundo ele exigirá um alto sacrifício imediato para um privilégio duvidoso e incerto. Um outro governante exige que os cidadãos permaneçam em casa e evitem as aglomerações, porém monopoliza festas com seu gabinete, onde tudo que é proibido torna-se permitido. Não nos esqueçamos de outro que afirma que a cura do vírus ser dará por meio da vodca e do esporte, como também aquele que adquiriu de saída quinhentos milhões de doses de vacina e agora afirma que vai doar o excedente para os países necessitados. Ou seja, não há inocentes.

CRIANDO-SE VILÕES E AMEAÇAS.

Em ano eleitoral teremos uma acirrada disputa que dar-se-á muito mais no meio cibernético do que no plano da realidade, pois como se sabe a internet possui duas características que a definem desde sempre. A primeira é que, com ou sem regulação, ela continua a ser “terra de ninguém”, onde tudo que é falso torna-se verdadeiro e tudo que é verdadeiro torna-se, no mínimo, duvidoso. A segunda característica é um mote popular que afirma categoricamente que a internet jamais esquece postagens, e mesmo com a política de autorregulação de conteúdo, sempre haverá alguém que foi capaz de salvar a postagem para usá-la a seu interesse no futuro.

Deste modo, estaremos, inevitavelmente, a mercê duas candidaturas potenciais confrontantes, sendo que ambas possuem um denominador comum: a busca frenética e desmedida pelo poder; essas duas candidaturas possuem, a nosso ver, moralidade duvidosa, ética deturpada e uma volumosa carga de ódio estrutural, de tal maneira que a internet lhes servirá muito bem para alimentar teorias conspiratórias, eventos falsos e notícias alarmantes, deixando-nos mais uma vez emparedados com o demônio buscando esmerar suas técnicas apreendendo na fonte mais profícua que poderia lhe ser oferecida.

O primeiro sinal de que caminhamos nesse sentido pode ser observado pela intolerância que grassa na sociedade ao longo do nosso pequeno planeta azul; poderíamos iniciar pelo caso emblemático de George Floyd que foi vítima de uma clara violência policial gratuita, demonstrando que os mecanismos de segurança pública também adotaram uma postura de intolerância já que segundo noticiado o homem posto debaixo dos joelhos do policial disse por vinte vezes (!) que não conseguia respirar; afirmou ser claustrofóbico o que também não foi levado em conta e por fim despediu-se da mãe e dos filhos, ciente de que estava prestes a morrer.

Fica a pergunta: se isso não é intolerância somada à ausência de perícia do policial, como poderíamos, então, classificar o acontecido? E para sedimentar nosso questionamento, vejamos a seguir uma notícia de caráter alarmante.

“I can’t breath! I can’t breath!” “Eu não consigo respirar! Eu não consigo respirar!” Foram as últimas palavras de George Floyd, homem negro norte-americano que foi algemado, jogado ao chão e sufocado até a morte por um policial branco em maio, nos Estados Unidos. Em 2016, nos arredores de Paris, Adama Traoré, jovem negro de 24 anos, foi violentamente detido por policiais e morto duas horas depois em uma delegacia, sob custódia policial.

No Brasil, João Pedro, negro de apenas 14 anos, foi morto na casa de um parente durante operação policial no Rio de Janeiro, em maio. Ele estava brincando com outras crianças, quando os policiais invadiram a casa abrindo fogo. E aqui no DF, em junho, Wellington Luiz, trabalhador negro de 30 anos, ao sair de um mercado em Planaltina, foi abordado por policiais, revistado e violentamente agredido com golpes de cassetete.³

Trata-se, pois, de uma intolerância que também possui viés estrutural, já que admitindo certos esteriótipos, o agente da lei age sem ponderar sobre o resultado de suas ações; e mesmo que tenha ele assumido eventual risco, ainda assim deveria cercar-se de um mínimo de senso, especialmente porque as vítimas nos casos acima não ofereciam potencial ameaça, presumindo-se, portanto, que a abordagem poderia ter adotado um roteiro menos exacerbado e mais consciencioso.

Ainda sobre o assunto temos um caso mais recente e também incompreensível.

O sargento da Marinha Aurélio Alves Bezerra, preso em flagrante pela morte do vizinho Durval Teófilo Filho na quarta-feira (2), foi indiciado por homicídio culposo, quando não há a intenção de matar. A informação é da TV Globo.

A polícia interpretou que o militar não teve a intenção de matar ao confundir a vítima com um criminoso. Uma fiança de R\$ 120 mil foi estipulada, mas até a última atualização desta reportagem não havia sido paga, e o sargento permanecia preso.

“Segundo declaração do autor, ele atirou na vítima em reação a uma suposta tentativa de assalto, enquanto a mesma caminhava e mexia em sua mochila. Ao constatar seu erro, o acusado prestou imediato socorro a Durval, levou para um hospital, mas ele não resistiu. De acordo com a DHNSG, o autor do crime foi indiciado por homicídio culposo e permanece preso”, diz nota da Polícia Civil.

O sargento disse que achou que fosse uma tentativa de assalto quando a vítima caminhou na direção dele mexendo na mochila. Alegou ainda que o lugar é perigoso e costuma ter muitos assaltos.⁴

Toda essa violência gratuita conduz em direção a um processo de intolerância midiática que está, lentamente, se descortinando em frente aos nossos olhos e narizes, principalmente porque os meios de comunicação adotaram posturas com posicionamentos próprios deixando de lado a notícia enquanto fato a ser veiculado com isenção de ânimo, para enfatizar a opinião editorial velada do próprio veículo de comunicação; isso sem que nos esqueçamos que apenas a manchete é exibida enquanto que o desenrolar do evento fica a mercê de quem se interesse por buscar os fatos ausentes.

Creemos ser desnecessário qualquer aprofundamento neste aspecto, já que temos plena consciência de que os veículos de comunicação de massa, a imprensa, seja ela real ou virtual encontram-se comprometidas com interesses econômicos, políticos ou sociais, ou ainda com todos eles, razão pela qual a notícia ganha um viés imediatista e sensacionalista.

Portanto, é notório que neste ano eleitoral, todos os mecanismos de comunicação estarão de um lado ou de outro, permitindo-se veicular o que bem entender, ou ainda o que entender válido e coerente em consonância com sua própria política editorial acrescida de seus interesses, sejam eles de que natureza forem. Inexistem dúvidas que há potencial evidência da criação de vilões e ameaças a pairar sobre nossas cabeças, assim como tem acontecido com medicamentos de comprovada ineficácia versus a imperiosa obrigação da vacinação em massa, do isolamento social e de toda uma política que deixou de lado o cidadão tratando-o apenas como massa de manobra a mais interesses políticos e ideológicos que as reais questões de saúde pública.

Apenas um detalhe: alguém já se perguntou qual foi o lucro obtido pelos laboratórios responsáveis pela produção e distribuição de vacinas? E ainda como se deu a resultante de um trabalho de pesquisa e desenvolvimento realizado a toque de caixa, favorecido por integrantes do governo nos países mais desenvolvidos e alimentado com dinheiro público? Não temos a intenção de criminalizar as ações adotadas por grandes conglomerados farmacêuticos que não sobrevivem de saúde, mas sim de doença, fato esse incontestável, principalmente porque se tratam de empresas cuja existência e permanência dependem exclusivamente do lucro.

Responsáveis por desenvolver as primeiras vacinas de mRNA (RNA mensageiro) contra a covid-19, as empresas Pfizer, BioNTech e Moderna terão um lucro combinado de US\$ 65 mil dólares (cerca de 360 mil reais) por minuto, segundo levantamento. O cálculo foi estimado pelo movimento People's Vaccine Alliance (PVA) e considera os relatórios sobre imunizantes divulgados pelas próprias companhias para o ano de 2021.

Em números totais, a PVA estima que o trio terá um lucro bruto de US\$ 34 bilhões este ano, o que equivale a:

*Mais de US\$ 1.000 (cerca de 5,6 mil reais) por segundo;
US\$ 65 mil (cerca de 361,7 mil reais) por minuto;
US\$ 93,5 milhões (cerca de 520,4 milhões de reais) por dia.
Enquanto as cifras das empresas se multiplicam, o grupo aponta para o acesso desigual aos imunizantes da covid-19, principalmente em países de baixa renda.⁵*

Retomando o ponto anterior, é preciso ter em mente que a intolerância midiática será o mote deste ano eleitoral e tenhamos a consciência de que quanto mais alarmante for a ameaça, mais contundente será a reação, mesmo que tal ameaça tenha sido apenas engendrada no interior de mentes mancomunadas e orquestradas com o fito de sobressair-se na competição eleitoral em busca de poder e prestígio.

INTOLERÂNCIA DIGITAL: ABUSOS E EXCESSOS.

Observemos por outro ângulo essa questão da intolerância digital cujos desdobramentos tem-se mostrado altamente perigosos e enganosos. Assim foi com o atleta do vôlei do Minas Tênis Clube, Maurício de Souza que foi alvo de um verdadeiro cancelamento real após ter postado um comentário que foi tomado como homofóbico, por tecer críticas por conta do filho de um personagem fictício de histórias em quadrinhos ter-se assumido bissexual. *“É só um desenho, não é nada demais. Vai nessa que vai ver onde vamos parar”*, postou ele em redes sociais; vejam que a repercussão da postagem transformou-se no principal assunto das redes sociais brasileiras na mesma semana em que o presidente da República afirmou que vacinas contra Covid causam aids, o governo não conseguiu aprovar o novo auxílio de R\$ 400,00 e o Banco Central reconheceu que pode perder o controle da inflação no próximo ano.

Alguém tem a menor dúvida de que temos aqui um exagero digital? Em artigo jurídico magistral o professor Fernando Capez trouxe luz ao caso, e dada sua extensão gostaríamos de destacar alguns excertos que consideramos fundamentais para compreensão do caso acima descrito.

Não é o que se vê na postagem do jogador de vôlei. É inegável a conotação crítica ao beijo homoafetivo contida na frase "A é só um desenho, não é nada demais. Vai nessa que vai ver onde vamos parar" (sic), contudo, não há agressão a honra subjetiva de pessoa determinada e identificável, uma vez que a frase se direcionou ao desenho de história em quadrinhos.

O conteúdo do comentário, em que pese sua inconveniência, expressou uma concepção individual de reprovação comportamental, sem individualização de conduta, razão pela qual deve ser interpretada como manifestação de liberdade de expressão, constitucionalmente garantida pela CF, artigo 5º, IX.⁶

Sugerimos, pois a leitura do artigo indicado, já que este contém elementos essenciais para a compreensão de que a postagem do jogador não continha conotação homofóbica.

É de nitidez cristalina que a internet serve de campo fértil para alimentar a intolerância de todos os lados, seja por questões religiosas, sociais, políticas, de gênero e raciais, ressaltando que este último, a nosso ver, contém um amálgama de temas confusos já que a raça é única: a humana. O mais interessante é que todas as postagens que versam sobre o assunto são objeto de investigação e até mesmo de processo, embora se saiba que o estrago já foi feito e as consequências permanecerão por muito tempo.

Tomemos como exemplo o caso envolvendo o deputado estadual Douglas Garcia e a divulgação de um dossiê que expôs dados de mil pessoas tidas como antifascistas com consequências danosas aos indicados no referido documento que viram seus dados pessoais vazados de forma livre e imprudente correndo o risco de serem vítimas do ódio estrutural sem a devida punição do caluniador que vale-se da dita “imunidade parlamentar” para justificar seu ato afirmando que não produziu o documento e que não foi o responsável por sua divulgação. Independentemente à condenação judicial e a possível indenização das vítimas, como afirmamos antes, o estrago já foi feito! ⁷

Caso mais recentíssimo e que escancara o que chamamos de intolerância estrutural refere-se ao modo ironizante com que uma estudante de medicina tratou sua atividade realizada em uma unidade de saúde em Marechal Deodoro (AL), quando da chegada de uma paciente no exato momento em que a estudante poderia usufruir de seu repouso; além da ironia temos ainda a desfaçatez com que ela divulga os dados pessoais da enferma que veio a falecer “perturbando seu descanso”. A pergunta que fica é: que pessoa é essa no exercício da atividade profissional por ela escolhida trata uma paciente como um estorvo para sua vida? E quantos mais pensam da mesma forma?⁸

CONSTRUINDO MENTIRAS E DESTRUINDO VERDADES.

Muito depois de Goebbels, Ministro da Propaganda do Reich Alemão, ter afirmado que *“uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”*, é preciso atentar para a frase proferida por Malcom X que afirmou: *“A imprensa é tão poderosa no seu papel de construção de imagem, que pode fazer um criminoso se passar por vítima e a vítima se passar por criminoso. Esta é a imprensa, uma imprensa irresponsável. Se você não for cuidadoso, os jornais vão acabar te fazendo odiar as pessoas que estão sendo oprimidas e adorar as pessoas que estão levando a cabo a opressão”*. O conteúdo afirmativo dessa frase encerra com perfeição o que vivemos no momento atual, crescendo à imprensa, as redes sociais, os sites noticiosos e os influenciadores digitais que exercem com maestria a tarefa de eleger mentiras como verdadeiras e aniquilar verdades como mentiras.

Se vocês não acreditam nisso, pensem não naquele que estará à frente do Executivo nos próximos anos, mas sim quem serão os integrantes do Congresso Nacional no mesmo período; os que pensam que eleger um Presidente pode mudar o curso de nossa história, esquece-se que ele, além de ser apenas um homem, encontra-se acorrentado às Oligarquias, Dinastias e Nomenklaturas⁹ que são as reais forças que conduzem nosso futuro a partir de seus interesses pessoais, aliados a investidores mercenários, banqueiros hipócritas e agronegociantes apócrifos, todos que se apresentarão como defensores ferrenhos de metas nacionais e programas integrativos, mas que ao cabo de quatro anos terão apenas emperrado a máquina estatal com ou sem a ajuda do Chefe do Executivo. Exatamente essas forças servirão de combustível para fazer com que formadores de opinião reais ou digitais acabem por tomar partido movidos também por interesses que não guardam em sua cerne os interesses do povo que amarga em filas de postos de saúde, apertam-se em transportes públicos de péssima ou nenhuma qualidade e buscam desesperadamente por sobrevivência.

Ainda nos encontramos sob a égide da política do “pão e circo”¹⁰, mesmo sabendo que em algum momento essa política pode não mais funcionar a contento, pois o eleitorado ainda desconhece seu verdadeiro valor junto às urnas, e mesmo que isso possa demorar a tornar-se realidade, cremos que tal via é inevitável. Por enquanto o que temos é esse amálgama de falsidades travestidas de verdades que anunciam o risco iminente de um golpe sem realmente ter a dimensão das consequências dessa ação em um país com a dimensão do nosso, ou em qualquer outro onde esses “arautos cibernéticos” encontrem guarida para alimentar suas sandices desmedidas.

É uma triste constatação a de que a falsidade digital navega em todos os mares em busca de incautos para replicarem suas notícias alarmantes, seus falsos vaticínios, assim como também se valem de seus meios de comunicação para reverberarem informações descontinuadas ou ainda usarem de motivações apologéticas com efeito reverso. Vejam, pois, o caso envolvendo o influenciador digital Bruno Aiub, mais conhecido como “Monark”.

Recentemente, esse indivíduo durante uma entrevista na transmissão do Flow Podcast afirmou o seguinte: *“Eu acho que tinha que ter um partido nazista reconhecido pela lei”*; não obstante a frase estapafúrdia, veio em resposta a manifestação do Deputado Federal Kim Kataguirí que emendou o soneto pífio dizendo: *“por mais absurdo, não deveria ser crime”*. O acontecimento, deixando de lado debates acalorados e críticas contumazes, encerra o que se pode definir como perigoso desconhecimento da história da humanidade ao mesmo tempo em que escancara os riscos que envolvem mecanismos de comunicação digital e suas plataformas difundirem informações que certamente encontrarão ecos audíveis em minorias extremistas que se alimentam da ignorância e do desconhecimento pela grande maioria do que foi aquele período histórico e quais as consequências que vivemos até os dias de hoje. E as pérolas disparadas pelo tal influenciador não pararam por aí.

*No programa, ele argumentou que “a esquerda radical tem muito mais espaço do que a direita radical; as duas tinham que ter espaço”, e acrescentou: “Se o cara quiser ser um antijudeu, eu acho que ele tinha direito de ser”.*¹¹

O nazismo é uma nódoa repugnante que ceifou milhões de vidas de maneira dolorosamente pragmática e sistemática, assolou nações, solapou as estruturas sociais e políticas da Alemanha e deixou um legado de vergonha, repugnância e a imperiosidade em jamais deixar que as memórias tétricas sejam esquecidas, pois esquecê-las significa esquecermos de nossa própria humanidade no sentido mais amplo possível. Em tempo, cabe destacar que Bruno Aiub em sua defesa alegou que estava bêbado demais (!!!!).

Não tenho a pretensão de alongar discussões sobre o nazismo, pois não é a pauta em questão e também porque qualquer um que tenha a pretensão de buscar uma justificativa para aquele momento funesto da história da humanidade não pode se esquecer que ele foi engendrado por mentes megalomânicas cujo intuito era de submeter povos e nações debaixo de suas botas pisoteando-os até a morte.

E nesse culto a edificar mentiras como verdades e verdades como mentiras, tudo é apenas aparência. Vejam o caso da elevação do preço da gasolina e outros combustíveis de matriz fóssil, com alegações de que a culpa recaí sobre alíquota de impostos estaduais, cuja incidência influencia diretamente o preço ao consumidor final, jogando sobre os ombros dos Estados a culpa pela elevação exacerbada que corrói o bolso do cidadão que sobrevive diretamente desse elemento, bem como encarece todos os demais preços da cadeia produtiva.

Na página oficial da Petrobras – estatal de economia mista, cujo principal acionista é a União – pode-se observar que quatro impostos incide diretamente sobre o preço da gasolina.

Desses, três são federais: Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide), O Programa de Integração Social (PIS/PASEP) e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). Também incide o ICMS recolhido pelos Estados.

Nessa conta, ainda se somam o valor repassado pelas distribuidoras do combustível, a margem dos postos, o custo do álcool anidro – que compõe a gasolina comercializada no Brasil – e o “preço de realização do produtor”, no caso a Petrobras. E a maior participação no custo da gasolina não é do tributo estadual que, na média nacional, estava em 27% em setembro. Na composição do preço, a parte que cabe à Petrobras é a que representa a maior fatia do valor que chega na bomba dos postos Na página oficial da Petrobras - estatal de economia mista, cujo principal acionista é a União - pode-se observar que quatro impostos incide diretamente sobre o preço da gasolina.

Desses, três são federais: Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide), O Programa de Integração Social (PIS/PASEP) e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). Também incide o ICMS recolhido pelos Estados.

*Nessa conta, ainda se somam o valor repassado pelas distribuidoras do combustível, a margem dos postos, o custo do álcool anidro – que compõe a gasolina comercializada no Brasil – e o “preço de realização do produtor”, no caso a Petrobras. E a maior participação no custo da gasolina não é do tributo estadual que, na média nacional, estava em 27% em setembro. **Na composição do preço, a parte que cabe à Petrobras é a que representa a maior fatia do valor que chega na bomba dos postos de abastecimento.** Portanto, temos que a redução na alíquota do imposto estadual não encontra ligação direta com a redução do preço do combustível.¹²*

Uma primeira constatação reside no fato de que eventuais alegações de culpabilidade pontual sobre esse tema constituem apenas disseminação de falsidade alimentada pelos edificadores de mentiras. Se avançarmos um pouco mais notaremos que essa falsidade tem por objetivo cercear o processo eleitoral eivando-o por mentiras transformadas em verdades, cabendo, então, perguntar como ficamos em um cenário como esse?

E o que dizer do “cancelamento” do jornalista Adrilles Jorge por conta de uma suposta saudação nazista que ele tenha feito ao final de um programa transmitido pela TV Jovem Pan? Sabemos que o sujeito é apaixonado por um tema polêmico, porém não sabemos se essa postura consiste apenas em fazer tipo para manter-se visível nas mídias sociais. Adrilles colecionou polêmicas ao verbalizar absurdos. Ele negou o racismo e minimizou a escravidão, pregou contra o lockdown durante a pandemia, ofendeu André Marques e criticou Marília Mendonça após a morte da cantora. Também foi homofóbico com Tiago Abravanel e disse que Felipe Neto “podia morrer”. Ou seja, deixando de lado a questão quanto ao gesto, que pode ser repugnante, ou mesmo patético, o que temos é, de fato, a chamada cultura do cancelamento do qual este jornalista foi vítima, salientando que foi vitimado por suas próprias posições. E o que nos instiga a pensar é como estamos a nos tornar algozes e vítimas de nós mesmos, ou melhor, vítimas dos algoritmos que geramos ao navegar pela rede mundial de computadores, sempre analisados e avaliados por programas de computador que determinam nossas características para serem comercializadas para os grandes conglomerados consumeristas.

REDES SOCIAIS DESCONSTRUINDO A SI MESMAS.

Afirmam os dirigentes da plataforma “Twitter”:

“No Twitter, por exemplo, centenas de contas robôs foram identificadas nas eleições de 2018 atuando para colocar candidatos no centro da discussão por meio da difamação e exaltação de um ou outro político. A plataforma afirma que garante regras para endereçar tentativas de manipulação do debate na plataforma, seja via spam ou contas falsas.

Essas regras determinam que não é permitido usar os serviços do Twitter com o intuito de amplificar ou suprimir informações artificialmente nem de se envolver em comportamento que manipule ou prejudique a experiência das pessoas na plataforma. Temos sido cada vez mais proativos em identificar esses comportamentos e agido, muitas vezes, antes que contas como essas façam seu primeiro tweet”, diz a plataforma, que destaca o uso concomitante de aprendizado de máquina e monitoramento pelas equipes para a detecção destes bots.¹³

No mesmo sentido, afirma o META, proprietário do Facebook e do Instagram:

Já a Meta, conglomerado que gerencia o Facebook e o Instagram, destaca, entre as medidas de combate à desinformação, o programa de verificação de fatos com parceiros independentes, lançado no país em 2018. Além dessa estratégia, a empresa criou, ainda, o rótulo de Propaganda Eleitoral no Brasil. “Qualquer pessoa ou organização que queira fazer propaganda política ou eleitoral precisa passar por um processo de autorização, confirmando sua identidade e residência no país. Como resultado, só no primeiro turno das eleições de 2020 rejeitamos 250 mil conteúdos impulsionados que não continham o rótulo”, diz em nota a empresa.

A pergunta que me perturba é a seguinte: Se as mídias querem controlar o que é ou não veiculado, quem, afinal, as controla? Sinceramente, não tenho uma resposta para isso, mas apenas a certeza de que a internet continua e continuará sendo “terra de ninguém”.

Do mesmo modo creio que a questão envolvendo a liberdade de expressão precisa ser melhor avaliada pela sociedade, já que existem limites para essa liberdade que encontram-se continuamente sendo ignorados de todas as formas, em especial o conceito de que a liberdade de expressão do indivíduo é limitada quando incita ações negativas em face de outro indivíduo ou, grupos de indivíduos, seja por conta do direito de livre manifestação de ideias desse indivíduo ou grupo de indivíduos, visando sua submissão ou supressão. Aliás, esse era o cerne na Alemanha entre os anos de mil novecentos e trinta e seis a mil novecentos e quarenta e cinco.

A essência da liberdade encontra-se sob ataque por todos os canais de comunicação de massa, rádio televisivos, escritos, falados ou veiculados digitalmente, e a ironia reside no fato de que esses mesmos meios pretendem exercer o devido controle para evitar abusos ou excessos, o que mais parece como ter confiança na raposa para vigiar o galinheiro. Esse pano de fundo nos leva a crer ainda mais que este ano eleitoral será, sem sombra de dúvida, um ano em que viveremos sob intenso, iminente e virtual perigo protegido pelo conceito de liberdade de expressão na terra de ninguém onde restará a escolha de sermos expectadores manipuláveis ou inocentes úteis, pois sejam quem for eleito para ocupar o Palácio do Planalto, este não fará o preço da gasolina despencar, a carestia desaparecer ou empregos pipocarem estrondosamente.

Deixo ao final o pensamento do juiz William O. Douglas, da Suprema Corte americana: ***“Minha tese é que não há liberdade de expressão, no sentido exato do termo, a menos que haja liberdade para opor-se aos postulados essenciais em que se assenta o regime existente”.***¹⁴

- 1 <https://www.istoedinheiro.com.br/por-culpa-do-governo-o-brasil-sera-um-dos-ultimos-paises-do-mundo-a-sair-da-crise/>
- 2 <https://www.usjt.br/blog/crise-no-brasil-entenda-as-suas-principais-causas/>
- 3 <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniaio/2020/10/4881222-eu-nao-consigo-respirar.html>
- 4 <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ultima-hora/pais/sargento-da-marinha-que-matou-vizinho-por-engano-em-sao-goncalo-e-indiciado-por-homicidio-culposo-1.3188693>
- 5 <https://canaltech.com.br/saude/veja-quanto-os-laboratorios-lucram-com-vacinas-da-covid-por-segundo-202179/>
- 6 <https://www.conjur.com.br/2021-nov-04/controversias-juridicas-mauricio-souza-homofobia-liberdade-expressao>
- 7 <https://noticias.uol.com.br/colunas/rogerio-gentile/2022/02/08/bolsonarista-e-condenado-em-2-instancia-por-dossie-contr-a-antifascistas.htm>
- 8 <https://noticias.uol.com.br/colunas/rogerio-gentile/2022/02/08/bolsonarista-e-condenado-em-2-instancia-por-dossie-contr-a-antifascistas.htm>
- 9 [https://pt.wikipedia.org/wiki/Nomenklatura#:~:text=Nomenklatura%20\(palavra%20russa%20derivada%20do,da%20simpatia%20do%20Partido%20Comunista.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nomenklatura#:~:text=Nomenklatura%20(palavra%20russa%20derivada%20do,da%20simpatia%20do%20Partido%20Comunista.)
- 10 https://pt.wikipedia.org/wiki/Panem_et_circenses
- 11 <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/02/4983875-entenda-o-caso-de-apologia-ao-nazismo-iniciado-pelo-youtuber-monark.html>
- 12 <https://www.agazeta.com.br/es/economia/entenda-de-quem-e-a-culpa-pela-alta-no-preco-dos-combustiveis-1021>
- 13 https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/12/26/interna_politica,1333696/redes-sociais-garantem-que-vaocercar-fake-news-nas-eleicoes-de-2022.shtml
- 14 <https://www.migalhas.com.br/coluna/stf-vs-supreme-court/348818/a-genese-da-liberdade-de-expressao-academica-stf-hc-40-910-pe>